



Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 193-196

AS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dayane Gaio Hoffmann¹

Aparecida Feola Sella²

O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma análise de como as conjunções coordenativas são trabalhadas em diferentes livros didáticos de Língua Portuguesa, atualmente utilizados no ensino fundamental de Cascavel.

Nos materiais didáticos prevalecem, ainda, práticas de conceituação baseadas em critérios mecânicos e superficiais, calcados em exercício de análise e classificação. Contudo, conforme observamos funcionam como roteiros que são seguidos pelo docente e não como um material auxiliar para as aulas, como deveria ser.

A postura do professor de língua portuguesa diante do material didático é a de um criterioso transmissor das regras de conceituação. No trabalho com as conjunções coordenativas não há um estudo preocupado com a real função desses conectores, já que, nas regras da gramática tradicional não há um enfoque quanto à importância argumentativa dos elementos lingüísticos, muito pelo contrario, limita-se a relacioná-los sob esta ou aquela nomenclatura com argumentos superficiais e, às vezes, incoerentes explicações.

Há, da parte de alguns autores de livros didáticos, uma tentativa de inserir atividades de leitura e produção textual, o que é reflexo das novas tendências em lingüística. Entretanto os aspectos argumentativos e reflexivos da linguagem, que se trabalhados possibilitariam uma compreensão e uso mais adequados da língua, nos manuais tudo se reduz ao plano sintático.

Entre os lingüistas é consenso afirmar que os estudos da gramática tradicional pautam-se em critérios sintáticos sendo, portanto altamente prescritivos e descritivos. Nos livros didáticos nota-se que os conteúdos são quase uma cópia dessa gramática e apresentam as incoerências do estudo tradicional da linguagem. Os alunos devem contar com um estudo que lhes permitam perceber a importância argumentativa desses mecanismos de coesão, de modo que sirva de base para a construção do seu discurso e para a análise do discurso do outro. Segundo Koch (1984), "o ato de argumentar constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia".

Em Garcia (1971), Guimarães (1989), e Koch (1984), entre outros autores, podemos encontrar teorias e contribuições para uma visão mais ampla e procedente acerca do funcionamento de mecanismos lingüísticos, os quais nos oferecem uma análise marcada pela incorporação do nível semântico ao proceder das análises das frases.

Ao analisarmos alguns livros didáticos, dos quais citamos “Encontro e Reencontro” de Prates (2002), percebemos a reprodução do conceito de dependência/independência das orações que traz a gramática tradicional, quando diz que as conjunções coordenativas são “elementos invariáveis que ligam orações de sentido próprio, isto é, independentes entre si”. Ou seja, as orações coordenadas são concebidas pela gramática tradicional e repassadas para os livros didáticos, como elementos desprovidos de vínculo sintático, mas com certo relacionamento semântico. No entanto, para Koch (1984) as conjunções são palavras que possibilitam que os enunciados produzidos possuam, antes de mais nada, coesão. Tratando-se de encadeadores discursivos com teor argumentativo que estabelece relações pragmática, retóricas e discursivas.

Os exercícios que vêm a após a exposição deste conteúdo nos livros didáticos, são do tipo “reconheça e classifique os conectivos”; “classifique as conjunções coordenativas e transcreva para o seu caderno”; “analise as orações, seguindo os passos dados: destacar os verbos e as conjunções, dividir as orações, classifica-las”. São basicamente estes os exercícios que se podem encontrar nestes materiais. Além de que, apresentam frases descontextualizadas, soltas ao acaso ficando, assim, inviável à uma compreensão maior.

Com isso, pretendemos deixar claro que cada oração, na composição de um enunciado, estabelece argumentos que contribuem obviamente com o sentido na sua totalidade. O valor semântico ou mesmo pragmático de certas conjunções coordenativas justifica os múltiplos valores assumidos no processo da enunciação. Pois, segundo Koch (1984), os conectores, determinam a orientação argumentativa ao introduzirem um enunciado e ainda ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão.

Algumas análises realizadas no decorrer dessa pesquisa podem servir para uma reflexão mais clara quanto ao estudo das orações coordenadas. Em “Maria disse e João veio” não há somente relação de adição, mas, sim uma relação de causa e efeito. A conjunção “e” pode, em alguns momentos, expressar contraposição como na frase “José comprou flores e não gostou do arranjo.”

Na frase “Ou Maria vem ou José não espera mais” há relação de condição. E em “Maria leu tudo, mas não conseguiu responder com cuidado”, a conjunção “mas” torna o segundo argumento, decisivo. Como podem, então, ser orações independentes? Segundo Sella (1994) quando um interlocutor desenvolve um enunciado

ado, ele transpõe suas idéias para o plano sintagmático por meio de dimensões variadas, indo desde estruturas do tipo sentencial e chega a atingir até mesmo um recorte maior do tópico discursivo. A autora destaca as funções que o *mas* pode assumir em diferentes contextos e que o seu valor adversativo fica condicionado ao encaminhamento do evento discursivo.

Ainda em “Maria não irá, pois seu pai não consentiu”, e em “Maria comeu muito, logo não passará muito bem”, temos respectivamente relações de efeito/causa e causa/efeito. A primeira sendo mais autoritária, com a técnica da antecipação e a segunda sendo mais sutil, com a técnica do suspense.

Outra questão relevante da nossa pesquisa trata-se de uma pesquisa feita em 2004 com professores que lecionavam com estes mesmos livros didáticos em questão. Perguntamos como eles se posicionavam a respeito da crítica da gramática tradicional e uma professora respondeu-nos que o ensino da gramática tradicional permeia todo o conteúdo ensinado em língua portuguesa e que, se o aluno não dominá-la, será difícil a comunicação tanto oral, quanto escrita. Esta resposta fez-nos perceber que ainda há muito que se refletir sobre o ensino da gramática. Disso conclui-se que as relações que governam a sociedade e influenciam ou mesmo determinam as estruturas e os processos educacionais não oferecem subsídios aos educadores para que possam estar a par destas novas práticas lingüísticas. A questão vai, portanto, muito mais além. Trata-se de uma sociedade na qual o saber encontra-se em mãos autoritárias e repressivas que buscam pela elitização da cultura, meios de reafirmar a supremacia cultural, social e econômica, como esclarece-nos Martins (1994).

De posse dessas análises podemos concluir ressaltando que o nosso objetivo maior reside na avaliação do cotejo entre o previsto pela Lingüística Textual e o ensino tradicional. Objetiva-se, portanto que o professor tenha um olhar mais crítico em relação a estes materiais usados em nossas escolas que, como, vimos trata-se, muitas vezes, de livros inadequados e, mais que isso, prejudiciais à formação do aluno.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Celso & CINTRA, Luiz F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1971: 7-30.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto em sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1989.

GUIMARÃES, Eduardo. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1986.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Ed. Cortez, 1984.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. – 19. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção primeiros passos; 74).

PRATES, Marilda. **Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa. Reflexão e Ação**. 1ªed. Editora Moderna.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática Teoria e prática**. 6ªed. São Paulo: Atual, 1947, p. 277-279

SELLA, Aparecida F. **Algumas funções do “Mas” num texto Oral-Dialogado** – Dissertação de Mestrado, 1984)

NOTAS

¹ Acadêmica do curso de Letras da Unioeste.

² Doutora em Letras.